

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

JUNHO DE 1868

Nº 6

Mediunidade no Copo d'Água

Um dos nossos correspondentes de Genebra nos transmite interessantes detalhes sobre um novo gênero de mediunidade vidente, que consiste em ver num copo d'água magnetizado. Essa faculdade tem muitas relações com a do vidente de Zimmerwald, do qual fizemos um relato circunstanciado na Revista de outubro de 1864 e outubro de 1865. A diferença consiste em que este último se serve de um copo vazio, sempre o mesmo e que a faculdade, de certo modo, lhe é pessoal; ao contrário, o fenômeno que nos é assinalado se produz com o auxílio de qualquer copo que contenha água magnetizada, e que parece vulgarizar-se. Se assim é, a mediunidade vidente poderia tornar-se tão comum quanto a pela escrita. Eis as informações que nos são dadas, segundo as quais cada um poderá experimentar, desde que se coloque em condições favoráveis:

“A mediunidade vidente pelo copo d'água magnetizada acaba de se revelar entre nós num certo número de pessoas. Em um mês temos quinze médiuns videntes deste gênero, tendo cada

um a sua especialidade. Um dos melhores é uma jovem senhora, que não sabe ler nem escrever; é mais particularmente apta para as doenças, e eis como nossos Espíritos bons procedem, para nos mostrar o mal e o remédio. Tomo um exemplo ao acaso: Uma pobre mulher, que se achava na reunião, havia recebido um golpe certo no peito; apareceu no copo absolutamente como uma fotografia; levou a mão sobre a parte lesada. A Sra. V... (o médium) viu em seguida o peito se abrir e notou que havia sangue coagulado no lugar onde se dera o golpe; depois tudo desapareceu para dar lugar à imagem dos remédios, que consistiam num emplastro de resina branca e um copo contendo benjoim. Esta mulher ficou perfeitamente curada depois de ter seguido o tratamento.

“Quando se trata de um obsedado, o médium vê os Espíritos maus que o atormentam; a seguir aparecem, como remédio, o Espírito simbolizando a prece, e duas mãos que magnetizam.

“Temos um outro médium, cuja especialidade é ver os Espíritos. Pobres Espíritos sofredores muitas vezes nos têm apresentado, por seu intermédio, cenas comovedoras, para nos fazer compreender as suas angústias. Um dia evocamos o Espírito de um indivíduo que se afogara voluntariamente; apareceu na água turva; não se lhe via senão a parte posterior da cabeça e os cabelos semimergulhados na água. Durante duas sessões foi-nos impossível ver-lhe o rosto. Fizemos a prece pelos suicidas; no dia seguinte o médium viu a cabeça fora d’água, sendo possível reconhecer os traços de um parente de uma das pessoas da Sociedade. Continuamos nossas preces e, embora o rosto ainda exibisse uma expressão de sofrimento, parecia retomar a vida.

“Desde algum tempo vinham-se produzindo ruídos semelhantes aos de Poitiers, em casa de uma senhora que reside nos subúrbios de Genebra, e que causavam grande agitação em toda a casa. Essa senhora, que não conhecia absolutamente o Espiritismo,

dele tendo ouvido falar, veio nos ver com seu irmão, pedindo para assistir às nossas sessões. Nenhum dos nossos médiuns os conhecia. Um deles viu em seu copo uma casa, no interior da qual um Espírito mau punha tudo em desordem, remexia os móveis e quebrava as louças. Pela descrição feita, aquela senhora reconheceu a mulher de seu jardineiro, muito má em vida, e que lhe tinha prejudicado bastante. Dirigimos ao Espírito algumas palavras benevolentes, para o trazer a melhores sentimentos, e à medida que lhe falávamos, seu rosto adquiria uma expressão mais doce. No dia seguinte, fomos à casa daquela dama e à noite foi completado o trabalho da véspera. Os ruídos cessaram quase completamente, desde a partida da cozinheira que, parece, servia de médium inconsciente àquele Espírito. Como tudo tem sua razão de ser e sua utilidade, penso que tais ruídos tinham por objetivo levar aquela família ao conhecimento do Espiritismo.

“Eis agora o que nossas observações nos ensinaram quanto à maneira de operar:

“É preciso um copo liso, bem uniforme no fundo; enchem-no de água até a metade, magnetizando-a pelos processos ordinários, isto é, pela imposição das mãos e, sobretudo, pela extremidade dos dedos, na boca do copo, auxiliada pela ação contínua do olhar e do pensamento. A duração da magnetização é de cerca de dez minutos na primeira vez; mais tarde bastam cinco minutos. A mesma pessoa pode magnetizar vários copos ao mesmo tempo.

“O médium vidente, ou aquele que quer experimentar, não deve magnetizar o seu próprio copo, pois consumiria o fluido que lhe é necessário para ver. Para a magnetização é preciso um médium especial, havendo, para isto, os dotados de um poder mais ou menos grande. A ação magnética não produz na água qualquer fenômeno que indique a sua saturação.

“Feito isto, cada experimentador coloca o copo à sua frente e o olha durante vinte ou trinta minutos no máximo, algumas vezes menos, conforme a aptidão. Esse tempo só é necessário nas primeiras tentativas; quando a faculdade está desenvolvida, bastam alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa faz a prece para chamar o concurso dos Espíritos bons.

“Os que são aptos a ver distinguem, de início, no fundo do copo, uma espécie de pequena nuvem; é um indício certo de que verão. Pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada, e a imagem se desenha à vista do médium. Entre si os médiuns podem ver nos copos uns dos outros, mas não as pessoas que não sejam dotadas desta faculdade. Algumas vezes parte do assunto aparece num copo e a outra parte em outro; para as doenças, por exemplo, um verá o mal e o outro o remédio. Outras vezes dois médiuns verão simultaneamente, cada um em seu copo, a imagem da mesma pessoa, mas geralmente em condições diferentes.

“Muitas vezes a imagem se transforma, muda de aspecto, depois desaparece. Em geral ela é bastante espontânea; o médium deve esperar e dizer o que vê. Mas também pode ser provocada por uma evocação.

“Ultimamente fui ver uma senhora que tem uma jovem operária de dezoito anos e que jamais ouvira falar do Espiritismo. A senhora pediu-me que lhe magnetizasse um copo d'água. A moça o olhou cerca de um quarto de hora, e disse: ‘Vejo um braço; dir-se-ia que é o de minha mãe; vejo a manga de seu vestido, levantada, como era seu costume.’ Essa mãe, que conhecia a sensibilidade da filha, sem dúvida não quis mostrar-se subitamente para lhe evitar uma impressão muito grande. Então pedi àquele Espírito, se fosse o da mãe do médium, que se desse a conhecer. O braço desapareceu e o Espírito se apresentou do tamanho de uma fotografia, mas virado de costas. Era ainda uma precaução para preparar a filha para a ver. Esta reconheceu o seu gorro, um fichu,

as cores e os desenhos de seu vestido. Vivamente emocionada, dirigiu-lhe as mais ternas palavras, pedindo-lhe que deixasse ver o seu rosto. Eu mesmo lhe pedi que atendesse ao desejo de sua filha. Então ela se apagou, deu-se a perturbação e o rosto apareceu. A jovem chorou de reconhecimento, agradecendo a Deus a dádiva que ele acabava de lhe conceder.

“A própria senhora desejava muito ver. No dia seguinte fizemos uma sessão em sua casa, que foi cheia de bons ensinamentos. Depois de ter olhado inutilmente no copo cerca de meia-hora, disse ela: ‘Meu Deus! se ao menos eu pudesse ver o diabo no copo, ficaria contente!’ Mas Deus não lhe concedeu esta satisfação.

“Os incrédulos não deixarão de creditar esses fenômenos à conta da imaginação. Mas os fatos aí estão para provar que, numa porção de casos, a imaginação aí não entra absolutamente. Primeiro, nem todo mundo vê, por mais desejo que tenha. Eu mesmo muitas vezes fiquei com o espírito superexcitado com este objetivo, sem jamais obter o menor resultado. A senhora de quem acabo de falar, malgrado seu desejo de ver o diabo, após meia hora de espera e de concentração, nada viu. A jovem não pensava em sua mãe quando esta lhe apareceu; e, depois, todas essas precauções para não se mostrar senão gradualmente atestam uma combinação, uma vontade estranha, nas quais a imaginação do médium não podia de modo algum participar.

“Para ter uma prova ainda mais positiva, fiz a seguinte experiência. Tendo ido passar alguns dias no campo, a algumas léguas de Genebra, havia, na família onde me encontrava, várias crianças. Como fizessem muito barulho, propus-lhe, para as ocupar, um jogo mais tranqüilo. Tomei um copo d’água e o magnetizei, sem que ninguém percebesse, e lhes disse: ‘Qual dentre vós terá a paciência de olhar este copo durante vinte minutos, sem desviar os olhos?’ Abstive-me de acrescentar que eles poderiam

nele ver alguma coisa; era a título de simples passatempo. Vários perderam a paciência antes do fim da prova; uma menina de onze anos foi mais perseverante; ao cabo de doze minutos, soltou um grito de alegria, dizendo que via uma magnífica paisagem, cuja descrição nos fez. Uma outra menina de sete anos, por sua vez tendo querido olhar, adormeceu instantaneamente. Com medo de a fatigar, logo a despertei. Onde está aqui o efeito da imaginação?

“Esta faculdade pode, pois, ser ensaiada numa reunião de pessoas, mas aconselho que, nas primeiras reuniões, não sejam admitidas pessoas hostis. Sendo necessários a calma e o recolhimento, a faculdade não se desenvolverá senão mais facilmente; quando formada, é menos susceptível de ser perturbada.

“O médium só vê com os olhos abertos; quando os fecha, está na escuridão. Pelo menos é o que notamos, e isto denota uma variedade na mediunidade vidente. O médium não fecha os olhos senão para repousar, o que lhe acontece duas ou três vezes por sessão. Vê tão bem de dia quanto de noite, mas à noite é preciso luz.

“A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão facilmente quanto a das pessoas mortas. Tendo perguntado a razão disto ao meu Espírito familiar, ele me respondeu: ‘São suas *imagens* que vos apresentamos; os Espíritos são tão hábeis para pintar quanto para viajar.’ Entretanto, os médiuns distinguem sem esforço o Espírito de uma pessoa viva; há qualquer coisa de menos material.

“O médium do copo d’água difere do sonâmbulo pelo fato de o Espírito deste último se destacar; é-lhe necessário um fio condutor para ir procurar a pessoa ausente, enquanto o primeiro tem a sua imagem sob os olhos, que é o reflexo de sua alma e de seus pensamentos. Fatiga-se menos que o sonâmbulo, e está

também menos exposto a se deixar intimidar pela visão dos Espíritos maus que podem apresentar-se. Esses Espíritos podem bem o fatigar, porque procuram magnetizá-lo, mas ele pode, à vontade, subtrair-se ao seu olhar, deles recebendo, aliás, uma impressão menos direta.

“Dá-se nesta mediunidade como em todas as outras: o médium atrai a si os Espíritos que lhe são simpáticos; ao médium impuro apresentam-se de bom grado Espíritos impuros. O meio de atrair os Espíritos bons é estar animado de bons sentimentos, só perguntar coisas justas e razoáveis, não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para coisas fúteis. Se dela fizermos um objeto de distração, de curiosidade ou de tráfico ilegal, cairemos inevitavelmente na turba de Espíritos levianos e enganadores, que se divertem em apresentar imagens ridículas e falaciosas.”

Observação – Como princípio, esta mediunidade certamente não é nova. Mas aqui se desenha de maneira mais precisa, sobretudo mais prática, e se mostra em condições particulares. Pode-se, pois, considerá-la como uma das variedades que foram anunciadas. Do ponto de vista da ciência espírita, ela nos faz penetrar mais adiante o mistério da constituição íntima do mundo invisível, cujas leis conhecidas confirma, ao mesmo tempo que nos mostra suas novas aplicações. Ela ajudará a compreender certos fenômenos ainda incompreendidos da vida diária e, por sua vulgarização, não deixará de abrir novo caminho à propagação do Espiritismo. Quererão ver, experimentarão; quererão compreender, estudarão, e muitos entrarão no Espiritismo por esta porta.

Este fenômeno oferece uma particularidade notável. Até agora se compreendia a visão direta dos Espíritos em certas condições, a visão a distância de objetos reais: é hoje uma teoria elementar; mas aqui não são os próprios Espíritos que são vistos, e que não podem vir alojar-se num copo d’água, do mesmo modo que aí não se alojam casas, paisagens e pessoas vivas.

Aliás, seria erro acreditar que aí estivesse um meio melhor que outro de saber tudo o que se deseja. Os médiuns videntes, por este processo ou qualquer outro, não vêem à vontade; não vêem senão o que os Espíritos lhes querem fazer ver, ou têm a permissão de lhes fazer ver quando a coisa é útil. Não se pode forçar a vontade dos Espíritos, nem a faculdade dos médiuns. Para o exercício de uma faculdade mediúnica qualquer, é preciso que o aparelho sensitivo, se assim nos podemos exprimir, esteja em condições de funcionar. Ora, não depende do médium fazê-lo funcionar à sua vontade. Eis por que a mediunidade não pode ser uma profissão, já que poderia faltar no momento em que fosse necessária para satisfazer o cliente. Daí a incitação à fraude, para simular a ação do Espírito.

Prova a experiência que os Espíritos, sejam quais forem, *jamais* estão ao capricho dos homens, não mais do que e menos ainda, do que quando estavam neste mundo; e, por outro lado, diz o simples bom-senso que, com mais forte razão, os Espíritos sérios não poderiam vir ao apelo do primeiro que viesse para coisas fúteis e representar o papel de saltimbancos e de ledores de buena-dicha. Só o charlatanismo pode pretender a possibilidade de manter aberta uma banca de comércio com os Espíritos.

Os incrédulos riem dos espíritas, porque imaginam que estes acreditam em Espíritos confinados numa mesa ou numa caixa, e que os manobram como marionetes. Acham isto ridículo e estão cheios de razões; onde estão errados é quando crêem que o Espiritismo ensine semelhantes absurdos, quando ele diz exatamente o contrário. Se, por vezes, no mundo, encontraram alguns de uma credulidade muito fácil, não foi entre os espíritas esclarecidos. Ora, nesse número, há necessariamente os que o são mais ou menos, como em todas as ciências.

Os Espíritos não se alojam no copo d'água; eis o que é positivo. Que há, pois, no copo? Uma imagem, e não outra coisa;

imagem tirada da Natureza, daí por que muitas vezes é exata. Como é produzida? Eis o problema. O fato existe, portanto tem uma causa. Embora ainda não se lhe possa dar uma solução completa e definitiva, o artigo seguinte, parece-nos, lança uma grande luz sobre a questão.

Fotografia do Pensamento¹⁷

Ligando-se o fenômeno da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro *A Gênese*, no capítulo dos fluidos, reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é o do som.

Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um

17 N. do T.: Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo XIV, itens 13 a 15.

químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zanolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos inteiramente novos, que se passam fora do mundo tangível, e constituem, se assim nos podemos exprimir, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, daí resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material e são inexplicáveis por quem quer que não conheça as suas leis. Assim, o conhecimento dessas leis é tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, pois só ele pode explicar certos fatos da vida material.

Criando *imagens fluidicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar; toma nele corpo e aí de certo modo se *fotografa*. Tenha um homem, por exemplo, a idéia de matar a outro: embora o corpo material se lhe conserve impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito.

Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Os olhos do corpo vêem as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos que não se traduzem no exterior.

Contudo, vendo a intenção, o vidente bem pode pressentir a execução do ato que lhe será a conseqüência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus. Daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir a sua probabilidade, conforme o pensamento que vêem, mas não podem afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. Além disso, a maior ou menor exatidão nas previsões depende da extensão e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, enquanto noutros é clara e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior, que pode, na sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Vide em *A Gênese* o capítulo da “Presciência”).

A teoria das criações fluídicas e, por conseqüência, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e, doravante, pode ser considerada como demonstrada em princípio, salvo as aplicações de detalhe, que resultam da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente, a fonte das visões fantásticas, e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que aí se pode encontrar a explicação da mediunidade pelo copo d’água (Vide o artigo precedente). Desde que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo

pensamento do Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. Em todo o caso, o copo d'água não é senão um meio de a reproduzir, mas não é o único, como o prova a diversidade dos processos empregados por alguns videntes. Este talvez convenha melhor a certas organizações.

A Morte do Sr. Bizet, Cura de Sétif

A FOME ENTRE OS ESPÍRITOS

Um dos nossos correspondentes da Argélia nos informa, nos seguintes termos, sobre a morte do Sr. Bizet, cura de Sétif:

“O Sr. Bizet, cura de Sétif, faleceu em 15 de abril, com a idade de quarenta e três anos, vitimado, sem dúvida, pelas fadigas que suportou durante a fome, quando desenvolveu uma atividade e um devotamento verdadeiramente exemplares. Nascido nas cercanias de Viviers, no Departamento do Ardèche, era, há dezessete anos, pastor dessa cidade, onde tinha sabido granjear as simpatias de todos os habitantes, sem distinção de culto, por sua prudência, por sua moderação e a sabedoria de seu caráter.

“Nos primórdios do Espiritismo nesta localidade e, principalmente, quando o *Écho de Sétif* afirmou abertamente esta doutrina, por um instante o Sr. Bizet tinha tido a intenção de a combater; entretanto, absteve-se de entrar numa luta que estavam decididos a sustentar. Depois, tinha lido as vossas obras com atenção. É provavelmente a essa leitura que se deve atribuir a sua reserva cheia de sabedoria, quando lhe foi ordenado ler durante a homilia a famosa pastoral de monsenhor Pavie, bispo de Argel, que qualificava o Espiritismo como *a nova vergonha da Argélia*. O Sr. Bizet não quis ler em pessoa essa pastoral, do púlpito; fê-la ler por seu vigário, sem lhe acrescentar nenhum comentário.”

Além disso, extraímos do *Journal de Sétif*, de 23 de abril, a seguinte passagem do artigo necrológico que publicou sobre o Sr. Bizet:

“No dia seguinte à sua morte, em 15 de abril, foram celebradas as suas exéquias. Uma missa de *réquiem* foi cantada às dez horas da manhã, pelo repouso de sua alma; um dos senhores grandes vigários, enviado há alguns dias pelo Sr. bispo, era o oficiante. Não faltou nenhum habitante de Sétif; as diferentes religiões estavam reunidas e misturadas para dizer um adeus ao Sr. cura Bizet. Os árabes, representados por alcaides e magistrados muçulmanos; os israelitas pelo rabino e os principais notáveis dentre eles; os protestantes por seu pastor, lá estavam, rivalizando em zelo e dedicação para prestar ao Sr. abade Bizet um último testemunho de estima, de afeição e de pesar.

“A reunião de tantas comunhões diversas num mesmo sentimento de simpatia é um dos mais belos sucessos conquistados pela caridade cristã que, no curso de seu apostolado em Sétif, não cessou de animar o abade Bizet. Vivendo em meio a uma população que está longe de ser homogênea, e entre a qual se encontram dissidentes de toda sorte, ele soube conservar intacto o legado católico que lhe tinha sido confiado, conservando, ao mesmo tempo, com os que não partilhavam de suas convicções religiosas, relações benevolentes e afetuosas, que lhe valeram as simpatias de todos.

“Mas o que transbordava de todos os corações era a lembrança dos sentimentos de caridade cristã que animavam o Sr. abade Bizet. Sua caridade era doce, paciente, sobretudo durante o longo inverno que acabamos de atravessar, em meio a uma miséria horrível, que tinha posto a seu encargo uma multidão de desgraçados. Sua caridade tudo cria, tudo esperava, tudo suportava e jamais desanimava. Foi no meio desse devotamento para socorrer os infelizes esfomeados, ameaçados todos os dias de morrer de frio

e de fome, que contraiu o germe da moléstia que o levou deste mundo, se é que já não estava atingido, devido ao zelo excepcional que desenvolveu durante a cólera do verão passado.”

O Sr. Bizet era espírita? ostensivamente, não; interiormente, ignoramo-lo. Se não o era, pelo menos tinha o bom-senso de não lançar anátema a uma crença que conduz a Deus os incrédulos e os indiferentes. Aliás, que nos importa? Era um homem de bem, um verdadeiro cristão, um padre segundo o Evangelho. A este título, se nos tivesse sido hostil, nem por isto os espíritas deixariam de o ter colocado na classe dos homens cuja memória a Humanidade deve honrar e tomar como modelo.

A Sociedade Espírita de Paris quis dar-lhe um testemunho de sua respeitosa simpatia, chamando-o ao seu seio, onde ele deu a seguinte comunicação:

Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868

“Estou feliz, senhor, pelo benevolente apelo que houvestes por bem me dirigir, e ao qual considero uma honra e um prazer responder. Se não vim diretamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo com que fui ferido não mo permitiram. E, depois, não sabia a quem ouvir; encontrei muitos amigos, cujo simpático acolhimento me ajudou poderosamente a me reconhecer; mas também tive sob os olhos o atroz espetáculo da fome entre os Espíritos. Encontrei lá em cima muitos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, ainda procurando em vão satisfazer a uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de comida que se escondia em suas mãos, dilacerando-se mutuamente e, se posso dizer, se entredevorando; uma cena horrível, pavorosa, ultrapassando tudo quanto a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: *Pão!* Era em vão que eu tentava lhes fazer

compreender a sua situação; eram surdos às minhas consolações. – Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como aquele espetáculo é mesmo susceptível de fazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!... Assim, enquanto na Terra se pensa que aqueles que partiram ao menos estão livres da tortura cruel que sofriam, percebe-se do outro lado que não é nada disso, e que o quadro não é menos sombrio, embora os autores tenham mudado de aparência.

“Perguntais se eu era espírita. Se, por esta palavra, entendeis aceitar todas as crenças que a vossa doutrina preconiza, não; eu não chegava até lá. Eu admirava os vossos princípios; julgava-os capazes de trazer a salvação aos que sinceramente os punham em prática; mas tinha minhas reservas sobre um grande número de pontos. Não segui, a vosso respeito, o exemplo de meus confrades e de alguns de meus superiores, que eu interiormente censurava, porque sempre pensei que a intolerância era mãe da incredulidade, e que era preferível ter uma crença que levasse à caridade e à prática do bem, a não a ter absolutamente. Eu era espírita de fato? Não me cabe pronunciar-me a respeito.

“Quanto ao pouco bem que pude fazer, estou realmente confuso com os exagerados elogios de que me tornaram objeto. Quem não teria agido como eu?... Não são ainda mais merecedores do que eu, se nisto há algum mérito, os que se devotaram em socorrer os infelizes árabes, e que a isto não foram levados senão pelo amor do bem?... Para mim a caridade era um dever, em consequência do caráter de que eu estava revestido. Faltando a ela, eu seria culpado, teria mentido a Deus e aos homens, aos quais eu havia consagrado a minha existência. Aliás, quem poderia ter ficado insensível diante de tantas misérias?...

“Vós o vedes, fizeram como sempre: aumentaram enormemente os fatos; cercaram-me de uma espécie de celebridade, que me deixa confuso e magoado e pela qual sofro em

meu amor-próprio. Porque, enfim, bem sei que não mereço tudo isto, e estou bem certo, senhor, de que me conhecendo melhor, reduzireis ao seu justo valor o ruído que fazem em volta de mim. Se tenho algum mérito, que mo concedam, concordo; mas que não me levantem um pedestal com uma reputação usurpada: eu não poderia consentir com isto.

“Como vedes, senhor, ainda estou muito recente neste mundo novo para mim, sobretudo muito ignorante e mais desejoso de me instruir do que capaz de instruir os outros. Hoje os vossos princípios me parecem tanto mais justos quanto, depois de ter lido a sua teoria, vejo a sua mais larga aplicação prática. Assim, ficaria feliz em os assimilar completamente e vos seria reconhecido se me aceitásseis algumas vezes como um dos vossos ouvintes.”

Cura Bizet

Observação – A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos, que segundo eles são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que, deixando seu invólucro carnal, *certos* Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas é, e a observação nos ensina que tal é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se tem todas as angústias de uma necessidade impossível de satisfazer. O suplício mitológico de Tântalo, nos Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato que entre os modernos.

Completamente diversa é a posição dos que, desde esta vida, se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura. Todas as dores da vida corporal cessam com o último suspiro e logo o Espírito plana, radioso, no mundo etéreo, feliz como o prisioneiro liberto de suas cadeias.

Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim e se acredita sob palavra? Não; são os próprios habitantes do mundo invisível que o repetem em todos os pontos do globo, para ensinamento dos encarnados.

Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Os que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se desprenderem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não; é uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação *mista* da vida terrena durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. Estariam aptos para tachar de barbárie essa legislação, aqueles que preconizam o dogma das penas eternas, irremissíveis, e as chamas do inferno como um efeito da soberana justiça? Podem eles fazer um paralelo entre a situação temporária, sempre subordinada à vontade do indivíduo de progredir, e a possibilidade de avançar por novas encarnações? Aliás, não depende de cada um escapar a essa vida intermediária, que, francamente, nem é a vida material, nem a vida espiritual? Os espíritas a ela escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual antes de nele entrar, imediatamente se dão conta de sua situação.

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: suicidas, supliciados que não suspeitam que estão mortos e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao próprio enterro, como se fosse o de um

estranho; avarentos que guardam seus tesouros, soberanos que julgam mandar ainda e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, naufragos que lutam contra o furor das ondas; após uma batalha, soldados que se batem; e, ao lado disto, Espíritos radiosos, que nada mais têm de terrestre e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta. Pode perguntar-se para que servem as evocações, quando nos dão a conhecer, até nos mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos, ao sairmos deste? É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que fala com o homem livre. Não, por certo elas nada servem ao homem superficial que nisto só vê um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química recreativas para a sua instrução. Mas para o filósofo, observador sério, que pensa no amanhã da vida, é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres. Dirão que se pode ser enganado; sem dúvida, como se o pode sobre todas as coisas, mesmo as que se vê e se toca; tudo depende da maneira de observar.

O quadro que apresenta o cura Bizet nada tem, pois, de estranho; vem, ao contrário, confirmar, por mais um grande exemplo, o que já se sabia; e, o que afasta toda idéia de reflexão de pensamentos, é que o fez espontaneamente, sem que ninguém pensasse em chamar sua atenção sobre aquele ponto. Por que, então, teria vindo dizer, sem que se lhe perguntasse, se aquilo era assim ou não? Sem dúvida a isto foi levado para a nossa instrução. Aliás, toda a comunicação traz um cunho de gravidade, de sinceridade e de modéstia, que é bem o seu caráter e que não é próprio dos Espíritos mistificadores.

O Espiritismo em Toda Parte

JORNAL SOLIDARIEDADE

O Espiritismo conduz precisamente ao fim que se propõem todos os homens de progresso. É, pois, impossível que, mesmo sem se conhecer, eles não se encontrem em certos pontos e que, quando se conhecerem, não se dêem a mão para marchar em conjunto ao encontro de seus inimigos comuns: os preconceitos sociais, a rotina, o fanatismo, a intolerância e a ignorância.

O *Solidarité* é um jornal cujos redatores levam seu título a sério. E que campo mais vasto e mais fecundo para o filósofo moralista do que esta palavra que encerra todo o programa do futuro da Humanidade! É por isso que esta folha, se não tem a popularidade das folhas leves, conquistou um crédito mais sólido entre os pensadores sérios.¹⁸ Embora até hoje ela não se tenha mostrado muito simpática às nossas doutrinas, não rendemos menos justiça à sinceridade de seus pontos de vista e ao incontestável talento de sua redação. É, pois, com viva satisfação que hoje a vemos, por sua vez, fazer justiça aos princípios do Espiritismo. Seus redatores nos farão também a de reconhecer que não fizemos nenhuma diligência para os trazer a nós. Sua opinião, portanto, não resulta de nenhuma condescendência pessoal.

Sob o título de: *Boletim do movimento filosófico e religioso*, o número de 1^o de maio contém um artigo notável, do qual extraímos as passagens seguintes:

“A confusão vai aumentando sem cessar. Onde irá parar? Não é só em política que não se entendem mais; não é

18 *Solidarité*, jornal mensal de 16 páginas in-4, aparecendo no dia 1^o de cada mês. Preço: Paris, 5 francos por ano; Departamentos, 6 francos; estrangeiro: 7 francos. Preço de um número: 25 centavos; pelos correios: 30 centavos. — Redação: rue des Saints-Pères, 13, na Livraria das Ciências Sociais.

somente em economia social, é também em moral e em religião, de sorte que a perturbação se estende a todas as esferas da atividade humana, que invadiu todo o domínio da consciência, e que a própria civilização está em causa.

“Não que a ordem material esteja em perigo. Há hoje na sociedade muitos elementos conquistados e muitos interesses a conservar, para que a ordem material possa nela ser seriamente perturbada. Mas a ordem material nada prova. Pode persistir muito tempo, até que o princípio mesmo da vida social seja atingido e que a corrupção dissolva lentamente o organismo. A ordem reinava em Roma sob os césares, enquanto a civilização romana ia desmoronando dia a dia, não sob o esforço dos bárbaros, mas sob o peso de seus próprios vícios.

“Nossa sociedade chegará a eliminar de seu seio os elementos mórbidos que ameaçam transformar-se em germes de dissolução e de morte? Nós o esperamos, mas é necessário o ponto de apoio dos princípios eternos, o concurso de uma ciência verdadeiramente positiva, e a perspectiva de um ideal novo.

“Eis as condições da salvação social, porque aí estão, para os indivíduos, os meios de um verdadeiro renascimento. Uma sociedade não pode ser mais que o produto dos seres sociais que a constituem, e como o resultante de seu estado físico, intelectual e moral. *Se quiserdes uma transformação social, fazei primeiro o homem novo.*¹⁹

“Embora o círculo dos leitores das publicações filosóficas tenha crescido muito nestes últimos anos, quanta gente ainda ignora a existência desses jornais ou negligencia a sua leitura! É um erro. Sem eles, é impossível dar-se conta do estado das almas. Os órgãos da filosofia contemporânea têm ainda um outro alcance: preparam as questões que os acontecimentos levantarão em breve, e que será urgente resolver.

19 Escrevemos em 1862: “Antes de fazer as instituições para os homens, deve-se formar os homens para as instituições.” (*Viagem Espírita*.)

“Por certo a confusão é grande na imprensa filosófica; é um pouco a torre de Babel: cada um aí fala a sua língua e se preocupa muito mais em cobrir a voz do vizinho do que escutar as suas razões. Cada sistema aspira a ser único e exclui todos os outros. Mas é preciso guardar-se de os tomar ao pé da letra em seu exclusivismo. Talvez não haja um só que represente algum ponto de vista legítimo. Todos passarão: só a verdade é eterna; mas, talvez, nenhum deles seja completamente estéril; nenhum terá desaparecido sem juntar algo ao capital intelectual da Humanidade. O materialismo, o positivismo religioso e o positivismo filosófico, o independentismo (perdoem o barbarismo, que não é meu), o criticismo, o idealismo, o espiritualismo, o Espiritismo – pois é preciso contar com este recém-vindo, que tem mais partidários do que todos os outros reunidos – e, por outro lado, o protestantismo liberal, o idealismo liberal, e mesmo o catolicismo liberal: tais são os nomes das principais bandeiras que, a títulos diversos e com forças desiguais, se acham representados no campo filosófico. Sem dúvida não existe aí um exército, porque não há obediência a um chefe, nem hierarquia, nem disciplina, mas esses grupos, hoje divididos e independentes, podem ser reunidos por um perigo comum.

“O movimento filosófico a que assistimos precede de pouco tempo o grande movimento religioso que se prepara. Logo as questões religiosas apaixonarão os espíritos, como o faziam há pouco as questões sociais, e mais fortemente ainda.

“Que ordem deve fundar-se por uma simples evolução da idéia cristã, restabelecida na sua pureza primitiva, como o pensam alguns, ou por uma espécie de fusão das crenças no terreno vago de um deísmo judaico-cristão, como o esperam outros homens de boa vontade, ou, o que nos parece muito mais provável, pela intervenção de uma idéia mais larga e mais compreensível, que dá à vida humana o seu verdadeiro objetivo, a primeira necessidade da época em que estamos, é a liberdade: liberdade de pensar e de

publicar o seu pensamento, liberdade de consciência e de culto, liberdade de propaganda e de pregação! Por certo, em meio a tantos sistemas que se defrontam, é impossível que não se veja abrir-se uma fase de discussões ardentes, apaixonadas, aparentemente desordenadas, embora essa fase preparatória seja necessária, como a agitação caótica é necessária à criação. Como os relâmpagos e os raios na atmosfera terrestre, a fermentação das idéias agita a atmosfera moral para a purificar. Quem pode temer a tempestade, sabendo que ela deve restabelecer o equilíbrio perturbado e renovar as fontes da vida?”

O mesmo número contém a seguinte apreciação de nossa obra sobre *A Gênese*. Não a reproduzimos senão porque se liga aos interesses gerais da doutrina:

“Passa-se em nossa época um fato de importância capital, e as pessoas *fingem não ver*. Contudo, aí há fenômenos a observar, que interessam à Ciência, notadamente a Física e a Fisiologia humanas; mas, ainda que os fenômenos chamados de Espiritismo só existissem na imaginação de seus adeptos, a crença no Espiritismo, espalhada com tanta rapidez por toda parte, é em si mesma um fenômeno considerável e muito digno de ocupar as meditações do filósofo.

“É difícil, mesmo impossível, apreciar o número das pessoas que crêem no Espiritismo, mas pode dizer-se que essa crença é geral nos Estados Unidos, e que se propaga cada vez mais na Europa. Na França há toda uma literatura espírita. Paris possui dois ou três jornais que a representam. Lyon, Bordeaux, Marselha, cada uma tem o seu.

“Na França, o Sr. Allan Kardec é o mais eminente representante do Espiritismo. Foi uma felicidade para essa crença ter encontrado uma inteligência que soubesse mantê-la nos limites do racionalismo. Teria sido fácil, com toda essa mistura de fenômenos reais e de criações puramente ideais e subjetivas que

constituem a maravilha do que se chama o Espiritismo, deixar-se arrastar pela atração do milagre e pela ressurreição das velhas superstições! O Espiritismo poderia ter dado aos inimigos da razão um poderoso apoio, se tivesse voltado à demonologia, e existe no seio do mundo católico um partido que para isto ainda faz todos os esforços. Há também toda uma literatura deplorável, prejudicial, mas felizmente sem influência. Ao contrário, o Espiritismo, na França como nos Estados Unidos, resistiu ao espírito da Idade Média. O demônio nele não representa nenhum papel, e *o milagre aí não vem introduzir as suas tolas explicações*.

“Pondo de lado a hipótese que constitui o fundo do Espiritismo, e que consiste na crença de que os Espíritos das pessoas mortas se entretêm com os vivos por meio de certos processos de correspondência, muito simples e ao alcance de todos; pondo de lado, dizíamos, a hipótese deste ponto de partida, encontramos-nos em presença de uma doutrina geral, que está perfeitamente em relação com o estado da Ciência em nossa época, e que responde perfeitamente às necessidades e às aspirações modernas. E o que há de notável é que a Doutrina Espírita é mais ou menos a mesma em toda parte. Se não é estudada senão na França, pode-se crer que as obras do Sr. Allan Kardec, que são como a enciclopédia do Espiritismo, aí o são por muitos. Mas esta paridade da doutrina se estende aos outros países; por exemplo, os ensinamentos de Davis, nos Estados Unidos, não diferem essencialmente dos do Sr. Allan Kardec. É verdade que nas idéias emitidas pelo Espiritismo, nada se encontra que não pudesse ter sido encontrado pelo espírito humano entregue só aos recursos da imaginação e da ciência positiva; mas, desde que as sínteses que são propostas pelos escritores espíritas são científicas e racionais, merecem ser examinadas sem prevenção, sem idéia preconcebida, pela crítica filosófica.

“A nova obra do Sr. Allan Kardec aborda as questões que constituem o objeto de nossos estudos. Hoje não podemos

fazer-lhe um relatório. A ela voltaremos num próximo número e, ao mesmo tempo, diremos o que pensamos dos fenômenos ditos espíritas, e das explicações que dos mesmos podem ser dadas no estado atual da Ciência.”

Nota – Este mesmo número contém um notável artigo do Sr. Raisant, intitulado: *Meu ideal religioso*, e que os espíritas não desaprovariam.

CONFERÊNCIAS

Numa série de conferências feitas em abril último, pelo Sr. Chavée, no Instituto Livre do boulevard des Capucines, nº 39, o orador fez, com tanto talento quanto verdadeira ciência, um estudo analítico e filosófico dos Vedas indianos e das leis de Manu, comparadas com o livro de Jó e os Salmos. O tema conduziu a considerações de elevado alcance, que tocam diretamente os princípios fundamentais do Espiritismo. Eis algumas notas colhidas por um ouvinte dessas conferências; não são senão pensamentos apanhados a esmo, que perdem necessariamente ao serem destacados do conjunto e privados de seus desenvolvimentos, mas que bastam para mostrar a ordem das idéias seguidas pelo autor:

“De que serve lançar um véu sobre o que é? De que serve não dizer bem alto o que se pensa baixinho? É preciso ter a coragem de dizer. Quanto a mim, terei esta coragem.”

“Nos Vedas indianos está dito: ‘Têm-se os *seus pares* no alto.’ E eu sou desta opinião.”

“Com os olhos da carne não se pode ver tudo.”

“O homem tem uma existência indefinida e o progresso da alma é indefinido. Seja qual for a soma de suas luzes, ela tem sempre a aprender, porque tem o infinito à sua frente e, embora não o possa atingir, seu objetivo será sempre dele se aproximar cada vez mais.”

“O homem individual não pode existir sem um organismo que o limite no seio da Criação. Se a alma existe após a morte, então tem um corpo, um organismo que chamo *organismo superior*, em oposição ao corpo carnal, que é o *organismo inferior*. Durante a vigília, esses dois organismos estão, a bem dizer, confundidos; durante o sono, o sonambulismo e o êxtase, a alma não se serve senão de seu corpo etéreo ou organismo superior; ela é mais livre neste estado; suas manifestações são mais elevadas, porque age sobre esse organismo mais perfeito, que lhe oferece menos resistência; ela abarca um conjunto de relações admiráveis, o que não pode fazer com o seu organismo inferior, que limita a sua clarividência e o campo de suas observações.”

“A alma é sem extensão; ela não é estendida senão pelo seu corpo etéreo, e circunscrita pelos limites desse corpo, que São Paulo chama *organismo luminoso*.”

“Um organismo, etéreo nos seus elementos constitutivos, mas invisível e *atingível* apenas pela indução científica, em nada contraria as leis conhecidas da Física e da Química.”

“Há fatos que a experimentação sempre pode reproduzir, constatando no homem *a existência* de um organismo interno superior, que deve suceder ao organismo opaco habitual, no momento da destruição deste último.”

“Depois que a morte separou a alma de seu organismo carnal, ela continua a vida no espaço, com seu corpo etéreo, assim conservando a sua individualidade. Entre os homens de que falamos e que estão mortos segundo a carne, certamente os há aqui entre nós, que assistem, invisíveis, às nossas conversas; estão ao nosso lado e planam acima de nossas cabeças; vêem-nos e nos escutam. Sim, estão aqui, eu vo-lo asseguro.”

“A escala dos seres é contínua; antes de ser o que somos, passamos por todos os graus desta escala, que estão abaixo

de nós, e continuaremos a subir os que estão acima. Antes que nosso cérebro fosse réptil, foi peixe, e foi peixe antes de ser mamífero.”

“Os materialistas negam estas verdades; são honestos; são de boa-fé, mas se enganam! Desafio um materialista a vir aqui, a esta tribuna, provar que tem razão e que estou errado. Que venham provar o materialismo! Não, não o provarão; apenas emitirão idéias apoiadas no vazio; apenas oporão denegações, ao passo que vou demonstrar por fatos a verdade de minha tese.”

“Há fenômenos patológicos que provam a existência da alma após a morte? Sim, há, e vou citar um. Vejo aqui doutores em Medicina, que pretendem que isto não se dá. Apenas lhes responderei: Se não o vistes, é porque olhastes mal. Observai, buscai, estudaí e o encontrareis, como eu próprio o achei.”

“É ao sonambulismo e ao êxtase que vou pedir as provas que vos prometi. – Ao sonambulismo? perguntar-me-ão. Mas a Academia de Medicina ainda não o reconheceu. – E daí? Nada tenho com a Academia de Medicina e a dispenso. – Mas o Sr. Dubois, de Amiens, escreveu um grosso volume in-8^o contra essa doutrina. – Isto também não me importa; são opiniões sem provas, que desaparecem diante dos fatos.”

“Dir-me-ão ainda: ‘Não está mais na moda defender o sonambulismo.’ Responderei que não me preocupo em estar na moda, e que se poucos homens ousam professar verdades que ainda atraem o ridículo, sou daqueles a quem o ridículo não pode atingir, e que o afrontam de bom grado, para dizer corajosamente o que julgam ser a verdade. Se cada um de nós agisse assim, em breve a incredulidade perderia todo o terreno que ganhou desde algum tempo, e seria substituída pela fé. Não a fé, filha da revelação, mas a fé mais sólida, filha da Ciência, da observação e da razão.”

O orador cita numerosos exemplos de sonambulismo e de êxtase, que lhe deram a prova, de certo modo material, da existência da alma, de sua ação isolada do corpo carnal, de sua individualidade após a morte e, finalmente, de seu corpo etéreo, que não é senão o envoltório fluídico ou perispírito.

Como se vê, a existência do perispírito, suspeitada desde toda a antiguidade pelas inteligências de escol, mas ignorada pelas massas, demonstrada e vulgarizada nestes últimos tempos pelo Espiritismo, é toda uma revolução nas ideais psicológicas e, por conseguinte, na filosofia. Admitido este ponto de partida, chega-se forçosamente, de dedução em dedução, à individualidade da alma, à pluralidade das existências, ao progresso indefinido, à presença dos Espíritos entre nós, numa palavra, a todas as conseqüências do Espiritismo, até ao fato das manifestações que se explicam de maneira toda natural.

Por outro lado, demonstramos no tempo que, partindo do princípio da pluralidade das existências, hoje admitido por numerosos pensadores sérios, mesmo fora do Espiritismo, se chega exatamente às mesmas conseqüências.

Se, pois, homens, cujo saber tem autoridade, professam abertamente, pela palavra ou por seus escritos, mesmo sem falar do Espiritismo, uns a doutrina do perispírito sob um nome qualquer, outros a pluralidade das existências, na realidade é professar o Espiritismo, pois são dois caminhos que a ele conduzem forçosamente. Se hauriram essas idéias em si mesmos e em suas próprias observações, isto só prova melhor que elas estão em a Natureza e quão irresistível é o seu poder. Assim, o perispírito e a reencarnação são, de agora em diante, duas portas abertas para o Espiritismo, no domínio da filosofia e nas crenças populares.

As conferências do Sr. Chavée são, pois, verdadeiras conferências espíritas, menos a palavra; e, sob este último aspecto,

diremos que no momento elas são mais proveitosas à Doutrina do que se empunhassem abertamente a sua bandeira. Popularizam as suas idéias fundamentais sem ofuscar os que, por ignorância da coisa, tivessem prevenção contra o nome. Uma prova evidente da simpatia que estas idéias encontram na opinião é o acolhimento entusiasta que é feito às doutrinas professadas pelo Sr. Chavée, pelo numeroso público que se comprime em suas conferências.

Estamos persuadidos de que mais de um escritor, que põe os espíritos em ridículo, aplaude o Sr. Chavée e suas doutrinas, que acha perfeitamente racionais, sem suspeitar que seja nada mais nada menos que o mais puro Espiritismo.

O jornal *Solidarité*, em seu número de 1º de maio, por nós citado acima, dá um relato dessas conferências, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores, já que completa, sob outros pontos de vista, os ensinamentos acima.

Nota – A abundância das matérias nos obriga a adiar para o próximo número o relato de dois interessantíssimos folhetins do Sr. Bonnemère, autor do *Romance do Futuro*, publicados no *Siècle* de 24 e 25 de abril de 1868, sob o título de *Paris sonâmbula*. O Espiritismo é aí claramente definido.

Nota Bibliográfica

A RELIGIÃO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE MODERNA²⁰

Por Frédéric Herrensneider²¹

O Sr. Herrensneider é um antigo são-simonista e foi aí que colheu seu ardente amor ao progresso. Depois se tornou espírita e, contudo, estamos longe de partilhar sua maneira de ver sobre todos os pontos e aceitar todas as soluções que dá. A sua é uma obra de alta filosofia, em que o elemento espírita ocupa um

²⁰ **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

²¹ 1 vol. in-12, de 600 páginas. Preço: 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 75 c. Dentu, Palais-Royal.

lugar importante. Não a examinaremos senão do ponto de vista da concordância e da divergência de suas idéias, no que diz respeito ao Espiritismo. Antes de entrar no exame de sua teoria, algumas considerações preliminares nos parecem essenciais.

Três grandes doutrinas dividem os espíritos, sob os nomes de religiões diferentes e filosofias muito distintas: são o materialismo, o espiritualismo e o Espiritismo. Ora, pode-se ser materialista e crer ou não crer no livre-arbítrio do homem; no segundo caso é-se *ateu* ou panteísta; no primeiro é-se inconseqüente e ainda se toma o nome de panteísta ou de naturalista, positivista, etc.

A criatura é espiritualista desde que não é materialista, isto é, desde que admite um princípio espiritual distinto da matéria, seja qual for a idéia que se faça de sua natureza e de seu destino. Os católicos, os gregos, os protestantes, os judeus, os muçulmanos, os deístas são espiritualistas, a despeito das diferenças essenciais de dogmas que os dividem.

Os espíritas fazem da alma uma idéia mais clara e mais precisa; não é um ser vago e abstrato, mas um ser definido, que reveste uma forma concreta, limitada, circunscrita. Independentemente da inteligência, que é a sua essência, ela tem atributos e efeitos especiais, que constituem os princípios fundamentais de sua doutrina. Aditem: o corpo fluídico ou perispírito; o progresso indefinido da alma; a reencarnação ou pluralidade das existências, como necessidade do progresso; a pluralidade dos mundos habitados; a presença em nosso meio das almas ou Espíritos que viveram na Terra e a continuação de sua solicitude pelos vivos; a perpetuidade das afeições; a solidariedade universal, que liga os vivos e os mortos; os Espíritos de todos os mundos e, em conseqüência, a eficácia da prece; a possibilidade de comunicação com os Espíritos dos que não vivem mais; no homem, a visão espiritual ou física, que é um efeito da alma.

Rejeitam o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a justiça de Deus; mas admitem que a alma, depois da morte, sofra e suporte as conseqüências de todo o mal que fez durante a vida, de todo o bem que poderia ter feito e não fez. Seus sofrimentos são a conseqüência *natural* de seus atos; duram enquanto durar a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que ele se melhora e cessam pela reparação do mal, reparação que ocorre nas existências corporais sucessivas. Tendo sempre sua liberdade de ação, o Espírito é, assim, o próprio artífice de sua felicidade e de sua desgraça, neste mundo e no outro. O homem não é levado fatalmente nem ao bem, nem ao mal; realiza um e outro por sua vontade e se aperfeiçoa pela experiência. Em decorrência desse princípio, os espíritas não admitem os demônios fadados ao mal, nem a criação especial de anjos predestinados à felicidade infinita, sem terem tido o trabalho de a merecer. Os demônios são Espíritos humanos ainda imperfeitos, mas que melhorarão com o tempo; os anjos, Espíritos chegados à perfeição, depois de haverem passado, como os outros, por todos os graus da inferioridade.

O Espiritismo não admite, para cada um, senão a responsabilidade de seus próprios atos; segundo ele, o pecado original é pessoal, consistindo nas imperfeições que cada indivíduo traz ao nascer, porque delas ainda não se despojou em suas existências precedentes, e cujas conseqüências sofre naturalmente na existência atual.

Também não admite, como suprema recompensa final, a inútil e beata contemplação dos eleitos por toda a eternidade; mas, ao contrário, uma atividade incessante de alto a baixo da escala dos seres, em que cada um tem atribuições em conformidade com o seu grau de adiantamento.

Tal é, de forma muito resumida, a base das crenças espíritas. A gente é espírita desde o momento em que se entra nesta

ordem de idéias, ainda mesmo quando não se admitissem todos os pontos da Doutrina em sua integridade ou em todas as suas conseqüências. Por não ser espírita *completo* não se é menos espírita, o que faz que por vezes se o seja sem saber, algumas vezes sem o querer confessar e que, entre os sectários das diferentes religiões, muitos são espíritas de fato, quando não de nome.

Para os espiritualistas, a crença comum é acreditar num Deus criador e admitir que, após a morte, a alma continue a existir, sob a forma de Espírito puro, completamente desligada de toda a matéria e, também, que ela poderá, com ou sem a ressurreição de seu corpo material, fruir de uma existência eterna, ditosa ou infeliz.

Os materialistas, ao contrário, crêem que a força é inseparável da matéria e não pode existir sem ela; assim, Deus não é para eles senão uma hipótese gratuita, a menos que seja a própria matéria; os materialistas negam com toda a sua força a concepção de uma alma essencialmente espiritual e de uma personalidade sobrevivente à morte.

Sua crítica é fundada, no que concerne à alma, tal qual a aceitam os espiritualistas, no sentido de que, sendo a força inseparável da matéria, uma alma pessoal, ativa e poderosa, não pode existir como um ponto geométrico no espaço, sem dimensão de qualquer espécie, nem comprimento, nem largura, nem altura. Que força, que poder, que ação pode ter uma tal alma sobre o corpo durante a vida? que progresso pode realizar e de que maneira conserva o seu traço, visto que nada é? como poderia ser susceptível de felicidade ou infelicidade após a morte? perguntam eles aos espiritualistas.

Não há por que dissimular essa argumentação especiosa, embora ela seja sem valor contra a doutrina dos espíritas. Eles admitem mesmo a alma distinta do corpo, como os espiritualistas, com uma vida eterna e uma personalidade

indestrutível, mas consideram essa alma como indissolúvelmente unida à matéria; não à matéria do próprio corpo, mas a uma outra, mais etérea, fluídica e incorruptível, que chamam *perispírito*, palavra feliz, que bem exprime o pensamento que é a origem e a base mesma do Espiritismo.

Se resumirmos as três doutrinas, diremos que:

1º – Para os materialistas, a alma não existe; ou, se existe, confunde-se com a matéria, sem nenhuma personalidade distinta fora da vida presente, em que essa personalidade é mesmo mais aparente do que real;

2º – Para os espiritualistas, a alma existe no estado de Espírito, independente de Deus e de toda matéria;

3º – Para os espíritas, a alma é distinta de Deus, que a criou, inseparável de uma matéria fluídica e incorruptível, que se pode chamar *perispírito*.

Esta explicação preliminar permitirá compreender que existem espíritas sem o saber.

Com efeito, desde que não se seja materialista, nem espiritualista, não se pode ser senão espírita, apesar da repugnância que alguns parecem experimentar por esta qualificação.

Eis-nos bem longe das apreciações fantasistas dos que imaginam que o Espiritismo não repousa senão na evocação dos Espíritos. Entretanto, há espíritas que jamais fizeram uma evocação; outros que jamais as viram, nem se preocupam em as ver, pois sua crença dispensa esse recurso; e por se apoiar somente na razão e no estudo, essa crença não é menos completa e menos séria.

Pensamos mesmo que é sob sua forma filosófica e moral que o Espiritismo encontra os mais firmes e mais convictos

aderentes; as comunicações não passam de meios de convicção, de demonstração e, sobretudo, de consolação. Não se deve a elas recorrer senão com reserva, e quando já se sabe bem o que se quer obter.

Não que as comunicações sejam partilha exclusiva dos espíritas; muitas vezes elas ocorrem espontaneamente e, por vezes mesmo, em meios hostis ao Espiritismo, do qual são independentes. Com efeito, não são senão o resultado de leis e ações naturais, que os Espíritos ou os homens podem utilizar, uns ou outros, quer independentemente, quer de acordo entre si.

Mas, assim como é prudente pôr instrumentos de Física, de Química e de Astronomia apenas nas mãos dos que deles sabem servir-se, convém não provocar comunicações senão quando possam ter uma utilidade real, e jamais com vistas a satisfazer uma curiosidade pueril.

Dito isto, podemos examinar a obra notável do Sr. Herrensneider. É a obra de um profundo pensador e de um espírita convicto, se não completa, mas não aprovamos todas as conclusões a que chega.

O Sr. Herrensneider admite a existência de um Deus criador, em tudo presente na Criação, penetrando todos os corpos com sua substância fluídica e se achando em nós como nós nele. É a notável solução que o Sr. Allan Kardec apresentou na sua obra *A Gênese*, a título de hipótese.

Mas, segundo o autor, no começo Deus enchia todo o espaço; teria criado cada ser retirando-se do lugar, que lhe concedia, para lhe deixar o livre desenvolvimento, sob sua proteção incessante. Esse desenvolvimento progressivo opera-se, a princípio, sob o efeito necessário das leis da Natureza e pela coerção do mal; depois, quando o Espírito já progrediu suficientemente, pode

juntar a sua própria ação à ação fatal das leis naturais, para ativar o seu progresso.

Durante toda essa fase da existência dos seres, que começa pela molécula do mineral, prossegue no vegetal, desenvolve-se no animal e se determina no homem, o Espírito recolhe e conserva conhecimentos por seu perispírito, adquirindo, assim, uma certa experiência. Os progressos que se realizam são de grande lentidão e, quanto mais lentos, mais se multiplicam as encarnações.

Como se vê, o autor adota os princípios científicos do progresso dos seres, emitidos por Lamarck, *Geoffroy Saint-Hilaire* e *Darwin*, com a diferença de que a ação moderadora das formas e dos órgãos animais já não é apenas o resultado da seleção e da concorrência vital, mas, também e sobretudo, o efeito da ação inteligente do espírito animal, modificando incessantemente as formas e a matéria, que reveste para realizar uma apropriação mais conforme à experiência que adquiriu.

É nesta ordem de idéias que queríamos ter visto o autor insistir sobre a ação benéfica e afetuosa dos seres mais elevados, concorrendo para o adiantamento dos mais fracos, guiando-os e protegendo-os por um sentimento de simpatia e de solidariedade, cujo desenvolvimento é felizmente apresentado no livro *A Gênese* e em todas as obras do Sr. Allan Kardec.

O Sr. Herrenschneider não fala da ação recíproca de uns seres sobre os outros, senão do triste ponto de vista da ação maléfica e do progresso necessário, que resulta do mal na Natureza. Sobre este ponto, ele bem compreendeu que o mal é apenas relativo, e que é uma das condições mesmas do progresso. Esta parte de seu trabalho é bem desenvolvida.

“*Criados, diz ele, em extrema fraqueza, em extrema preguiça e devendo ser os meios do nosso próprio fim, somos obrigados*

a chegar à perfeição e ao poder, à felicidade e à liberdade por nossos próprios esforços; nosso destino é ser em tudo e por toda parte os filhos de nossas obras, criar-nos a nossa unidade, a nossa personalidade, a nossa originalidade, tão bem quanto a nossa felicidade.

“Eis, em minha opinião, quais são os desígnios de Deus a nosso respeito. Mas, para o conseguir, *evidentemente o Criador não nos pode abandonar a nós mesmos*, porque, criados nesse estado ínfimo e molecular, estamos naturalmente mergulhados num profundo entorpecimento; aí teríamos mesmo ficado perpetuamente, e jamais teríamos dado um passo à frente se, para nos despertar, para tornar sensível a nossa substância inerte e para ativar a nossa força privada de iniciativa, *Deus não nos tivesse submetido a um sistema de coerção*, que nos prende à nossa origem, jamais nos deixa e nos força a desenvolver esforços para satisfazer às necessidades e aos instintos morais, intelectuais e materiais, de que nos tornou escravos, em consequência do sistema de encarnação, que dispôs para este fim.”

Indo mais longe que os estóicos, que pretendiam que a dor, que não passava de uma palavra, vê-se que os espíritas chegam a pronunciar esta fórmula estranha: *que o próprio mal é um bem*, no sentido de que a ele conduz fatalmente, necessariamente.

Em tudo o que precede, faremos ao autor a crítica de haver esquecido que a mais estreita solidariedade liga todos os seres, e que os melhores de todos são os que, tendo compreendido melhor este princípio, o põem em ação incessantemente, de tal sorte que todos os seres na Natureza concorrem para o objetivo geral e para o progresso uns dos outros: uns sem o saber e sob o impulso de seus guias espirituais; outros, compreendendo o seu dever de elevar e de instruir os que os cercam, ou que deles dependem, e se ajudando com o concurso dos mais adiantados que eles próprios. Hoje todo o mundo compreende que os pais devem

aos seus filhos uma educação conveniente, e que os que são felizes, instruídos e adiantados devem ajudar os pobres, os sofredores e os ignorantes.

Em conseqüência, deve-se compreender a utilidade da prece, que nos põe em relação com os Espíritos que nos podem guiar. Não nos acontece pedir aos que vivem como nós? que são nossos superiores ou nossos iguais? e nossa vida pode passar sem esse perpétuo apelo, que fazemos ao concurso dos outros? Não é, pois, admirável que, ouvindo-nos, os que não vivem mais sejam igualmente sensíveis às nossas preces, na medida do que podem fazer, como, aliás, o teriam feito em vida. Por vezes dá-se a quem não pediu, mas se dá sobretudo aos que pedem. Batei, e se vos abrirá; pedi, e se for possível, sereis atendidos.

Não creiais que tudo vos seja devido e que deveis esperar os benefícios sem os pedir e sem os merecer; não creiais que tudo chegue fatalmente e necessariamente, mas, ao contrário, refleti que estais no meio de seres livres e voluntários, tão numerosos quanto a areia do mar, e que a sua ação pode juntar-se à vossa, a pedido vosso e segundo a sua simpatia, que é preciso saber merecer.

Orar é um meio de agir sobre os outros e sobre si mesmo, mas não é este o momento de desenvolver este assunto importante. Digamos apenas que a prece não vale senão quando acompanha *o esforço ou o trabalho*, e nada pode sem este, enquanto o trabalho e os esforços gerais podem muito bem substituir a prece. É sobretudo entre os espíritas que se admite este velho adágio: *Trabalhar é orar*.

A parte mais importante do livro do Sr. Herrenschneider é aquela onde ele faz o que se poderia chamar a psicologia da alma, concebida tal qual a compreendem os espíritas. Neste ponto de vista, seu trabalho é novo e dos mais curiosos.

O autor determina claramente os fenômenos dependentes do perispírito, e como tem à disposição do espírito a soma inteira de seus progressos anteriores, conserva o traço dos esforços e dos progressos novos tentados e realizados pelo ser, seja em que momento for.

Conforme esses dados, a natureza da alma ou do perispírito deve ser considerada como um tesouro adquirido, conservado em nós e encerrando tudo o que concerne ao nosso ser na ordem moral, intelectual e prática.

Evitaremos utilizar os termos adotados pelo autor que, para exprimir que a alma pode agir, quer pelo efeito de seu tesouro adquirido ou natureza íntima (perispírito), quer por um esforço novo ou ação voluntária, se serve da expressão *dualidade da alma*, posto faça notar que a alma é *una*. Aí está uma expressão infeliz, que não expressa o verdadeiro pensamento do autor e que poderia prestar-se à confusão para um espírito pouco atento.

Como os espíritas, o Sr. Herrensneider acredita na unidade da alma; como eles, admite a existência do perispírito, o que lhe permite fazer uma crítica muito fina da psicologia dos espiritualistas, que estuda mais especialmente segundo as obras do Sr. Cousin.

Partindo do mesmo ponto que Sócrates e Descartes: *o conhecimento de si mesmo*, o autor estabelece o fato primordial de onde resultam todos os nossos conhecimentos, isto é, a afirmação de nós mesmos, feita cada vez que empregamos a palavra *eu*. A afirmação do *eu* é, pois, a verdadeira base da psicologia. Ora, há várias manifestações desse *eu*, que se apresentam à nossa observação, sem que uma tenha qualquer prioridade sobre as outras e sem que se engendrem reciprocamente: *Eu me sinto*, – *eu me sei*, – *eu tenho consciência de minha individualidade*, – *eu tenho o desejo de ser satisfeito*. Estes dois últimos fatos de consciência são evidentes e

claros por si mesmos; constituem o princípio da unidade do ser e o de nossa causa final ou destino, a saber: ser feliz.

Para se sentir e para se saber, é preciso notar que se tem perfeita consciência de se sentir sem ter necessidade de fazer qualquer esforço; ao contrário, a percepção do sentir é um ato que resulta de um esforço da mesma ordem que a atenção; desde que não faço mais esforço, não penso mais, nem presto atenção, e então sinto todas as coisas exteriores que me causam impressão, até o momento em que uma delas me fere assaz vivamente para que eu a examine, a ela dirigindo a minha atenção. Assim, posso pensar ou sentir, ser impressionado ou perceber, e julgar minha impressão quando o desejar.

Há aí duas ordens psicológicas diferentes, heterogêneas, uma das quais é *passiva* e se caracteriza pela sensibilidade e pela permanência; é o *sentir*; e a outra é *ativa* e se distingue pelo esforço da atenção e por sua intermitência: é o pensamento voluntário.

É desta observação que o autor chega a concluir pela existência do perispírito, por uma série de deduções muito interessantes, mas longas demais para referir aqui.

Para o Sr. Herrensneider, o perispírito, ou substância da alma, é uma matéria simples, incorruptível, inerte, extensa, sólida e sensível; é o princípio *potencial* que, por sua sutileza, recebe todas as impressões, assimila-as, conserva-as e se transforma, sob essa ação incessante, de maneira a encerrar toda a nossa força moral, intelectual e prática.

A força da alma é de ordem virtual, espiritual ativa, voluntária e refletida; é o princípio de nossa atividade. Por toda parte onde se ache o nosso perispírito, encontra-se igualmente a nossa força. Do perispírito ou do tesouro adquirido de nossa natureza, dependem a nossa sensibilidade, as nossas sensações, os nossos sentimentos, a nossa memória, a nossa imaginação, as

nossas idéias, o nosso bom-senso, a nossa espontaneidade, a nossa natureza moral e os nossos princípios de honra, assim como os sonhos, as paixões e mesmo a loucura.

De nossa força derivam, como qualidades virtuais, a atenção, a percepção, a razão, a lembrança, a fantasia, o humor, o pensamento, o raciocínio, a reflexão, a vontade, a virtude, a consciência e a vigilância, assim como o sonambulismo, a exaltação e a monomania.

Desde que estas qualidades podem substituir-se uma a outra sem se excluírem, e também porque os mesmos órgãos devem ser empregados tanto para a percepção quanto para a sensação, que se equivalem, pelo sentimento quanto pela razão, etc., resulta que cada Espírito raramente se serve das duas ordens de suas faculdades com a mesma facilidade. Desta observação, resulta para o autor que os indivíduos que funcionam mais facilmente, em virtude das faculdades ditas potenciais, terão estas mais desenvolvidas que os outros e delas se servirão mais à vontade, e reciprocamente.

Deste ponto de vista e de uma observação relativa à maior ou menor força virtual de certas coleções de indivíduos, geralmente grupados sob um mesmo nome de raça, o autor chega à conclusão de que existem Espíritos que se podem chamar Espíritos franceses, ingleses, italianos, chineses, negros, etc.

A despeito das dificuldades de explicação que resultariam de uma tal ordem de idéias, forçoso é convir que os estudos muito cuidadosos, feitos pelo Sr. Herrenschneider sobre os diversos povos, são muito notáveis e, em todo o caso, muito interessantes; mas gostaríamos que o autor tivesse indicado o seu pensamento com mais clareza, e que evidentemente é o seguinte: Os Espíritos se grupam, em geral, segundo as suas afinidades; é o que faz que Espíritos da mesma ordem e do mesmo grau de

elevação tendam a encarnar num mesmo ponto do globo, daí resultando esse caráter nacional, fenômeno em aparência tão singular. Diremos, pois, que não há Espíritos franceses ou ingleses, mas que há Espíritos cujo estado, hábitos, tradições impelem uns a se encarnarem na França, outros na Inglaterra, como se os vêem, durante a vida, grupar-se segundo as suas simpatias, seu valor moral e seus caracteres. Quanto ao progresso individual, depende sempre da vontade, e não do valor já adquirido do perispírito que, a bem dizer, não serve senão como ponto de partida, destinado a permitir uma nova elevação do Espírito, novas conquistas e novos progressos.

Deixaremos de lado a parte do livro que trata da ordem social e da necessidade de uma religião imposta, porque o autor, ainda imbuído dos princípios de autoridade que hauriu no são-simonismo, afasta-se muito, neste ponto, dos princípios de tolerância absoluta que o Espiritismo se gloria de professar. Achamos justo ensinar, mas temeríamos uma doutrina imposta e necessária, porquanto, mesmo que fosse justa para a geração atual, forçosamente se tornaria um entrave para as gerações seguintes, quando estas tivessem progredido.

O Sr. Herrenschneider não compreende que a moral possa ser independente da religião. Em nossa opinião, a questão está malposta, e cada um a discute justamente do ponto de vista em que tem razão. Os moralistas independentes estão certos quando dizem que a moral é independente dos dogmas religiosos, no sentido de que, sem acreditar em nenhum dos dogmas existentes, muitos dos antigos foram moralizados, e entre os modernos os há e muitos que têm o direito de gabar-se de o ser. Mas o que é certo é que a moral e, sobretudo, a sua aplicação prática, é sempre dependente de nossas *crenças individuais*, sejam quais forem. Ora, ainda que fossem das mais filosóficas, uma crença constitui a *religião* daquele que a possui.

Isto se demonstra facilmente pelos fatos diários da existência, e os moralistas, que se dizem independentes, têm, eles próprios, como *crença*, que é preciso respeitar-se e respeitar os outros, desenvolvendo o mais possível, em si e nos outros, os elementos do progresso. Sua moral dependerá, pois, de sua crença; suas ações forçosamente dela se ressentirão e essa moral não será independente senão das religiões, das crenças e dos dogmas nos quais não têm fé, o que achamos muito justo e racional, mas, também, muito elementar.

O que se pode dizer é que, no estado atual da nossa sociedade, há princípios de moral que estão de acordo com todas as crenças individuais, sejam quais forem, porque os indivíduos modificaram suas crenças religiosas sobre certos pontos, em virtude dos progressos científicos e morais, dos quais os nossos ancestrais fizeram a feliz conquista.

Terminaremos dizendo que o autor é, sob muitos pontos, discípulo de Jean Reynaud. Seu livro é o resumo de estudos e pensamentos sérios, expressos claramente, e com força; é feito com um cuidado digno de louvar e esse cuidado vai até a minúcia nos detalhes materiais da impressão, o que tem grande importância para a clareza de um livro tão sério.

Malgrado o desacordo profundo que nos separa do Sr. Herrensneider, tanto a respeito de sua maneira de ver para impor a religião, quanto sobre suas idéias relativas à autoridade, à família, que ele esqueceu muito, assim quanto à prece, à solidariedade benevolente dos Espíritos, que não soube apreciar, etc., idéias que o próprio Jean Reynaud já havia desaprovado, é impossível não ser tocado pelo mérito da obra e pelo valor do homem que soube achar pensamentos fortes, muitas vezes justos e sempre claramente expressos.

O Espiritismo é aí afirmado sem rodeios, pelo menos nos seus princípios fundamentais, e levado em consideração nos elementos da ciência filosófica. Há, contudo, esta diferença: no ponto de partida o autor chega ao resultado por indução, enquanto o Espiritismo, procedendo por via experimental, fundou sua teoria na observação dos fatos. É um escritor sério demais, que lhe dá direito de cidadania.

Emile Barrault, engenheiro

Allan Kardec

